



UMA ABORDAGEM SOBRE A EPISTEMOLOGIA DA GEOGRAFIA

An approach on the epistemology of Geography

Josiane Rodrigues dos Santos Cabral

Ma. Bolsista BATI – PPGeo. Universidade Estadual do Maranhão
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8148-9941>
anesister@yahoo.com.br

Antonia Rejane Cavalcante Moraes

Profa. Ma. Instituto Estadual da Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão - IEMA
Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-7743-2483>
rejanemorays@gmail.com

Deuzanir da Conceição Amorim Lima

Ma. Bolsista BATI – PPGeo. Universidade Estadual do Maranhão
Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-8432-5016>
deuzaniroceano@gmail.com

José Mauro Palhares

Prof. Adjunto da Universidade Federal do Amapá – Campus Binacional – Oiapoque. Vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia – Mestrado PPGeo/UNIFAP
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9311-1049>
jmpalhares@gmail.com

Artigo recebido em set/2023 e aceito em dez/2023

RESUMO

A história da Geografia demonstra que esta é uma ciência bastante complexa no que diz respeito aos seus fundamentos teóricos e metodológicos. Em função da necessidade que a Geografia se depara de entender o espaço e a sociedade em constante transformação, o presente artigo traz um enfoque das principais correntes do pensamento geográfico. Para isto objetivou analisar, através de um levantamento bibliográfico, as abordagens sobre as correntes que se estruturaram na formação da ciência geográfica como sua conjuntura de desenvolvimento, bem como os principais autores, categorias e métodos. O trabalho traz ainda duas aplicações da abordagem pós moderna em trabalhos com diferentes categorias geográficas de estudo, sendo uma enquadrada na categoria Território e a outra na categoria Paisagem, mostrando através disto a importância da abordagem metodológica na ciência geográfica.

Palavras-chave: Abordagem; Epistemologia; Correntes.

ABSTRACT

The history of Geography demonstrates that this is a very complex science in terms of its theoretical and methodological foundations. Due to the need that Geography faces to understand space and society in Constant transformation, this article focuses on the main currents of geographic thought. For this purpose, the objective was to analyze, through a bibliographical survey, the approaches to the currents that were structured in the formation of geographic science as its development context, as well as the main authors, categories and methods. The work also brings two applications of the post modern approach in works with different geographic categories of study, one falling in to the Territory category and the other into the Landscape category, there by showing the importance of the methodological approach in geographic science.

Keywords: Approach; Epistemology; Currents.

1. INTRODUÇÃO

O campo de pesquisa da Geografia vem sendo atravessado por diversas questões e temas, que promovem reflexão teórica e conseqüentemente a compreensão sobre as diferentes categorias da Geografia em suas inter-relações que permitem o avanço da sociedade na atuação do seu espaço. Sob este cenário, ressalta-se a diversidade de entendimentos sobre o objeto, método e sistematização da Geografia, caracterizando-se com a eclosão da produção geográfica por vezes impulsionada por acontecimentos históricos, interesses estatais e o avanço das técnicas que contribuiram para a explicação dos fenômenos, conhecimento das características do território e desenvolvimento da sociedade.

“Como ciência social a Geografia tem como objetivo de estudo a sociedade que, no entanto, é objetivada via cinco conceitos-chave que guardam entre si forte parentesco, pois todos se referem à ação humana modelando a superfície terrestre: paisagem, região, espaço, lugar e território”. (CASTRO; GOMES; CORREA, 1995, p. 16). Além disso, o objeto de estudo da ciência geográfica tem como ponto de partida “o estudo da superfície terrestre, [...] uma concepção mais usual e ao mesmo tempo de maior vaguidade, tendo em vista que [...] a superfície da Terra é o teatro privilegiado de toda reflexão científica”. (MORAES, 1999, p. 13).

Dessa maneira, pode-se dizer que na composição da ciência geográfica, os conceitos-chaves (paisagem, região, lugar, espaço e território) foram desenvolvidos ao longo dos anos, assim como diversos contextos históricos que permitiram a evolução do pensamento geográfico e a participação de vários autores (Ratzel, Vidal da La Blache, Humboldt e outros), para a construção do vasto conhecimento e desenvolvimento da Geografia contemporânea. A análise Geográfica, apesar de ser

vasta em termos de vários conceitos que são avaliados na superfície terrestre, é de suma relevância, pois, descreve todos os fenômenos manifestos no Planeta Terra.

As bases conceituais são fundamentais no desenvolvimento da ciência geográfica. Elas fundamentam as correntes filosóficas que influenciaram na evolução do pensamento geográfico, a partir dos períodos de surgimento e evolução mediante a ocorrência de fatos que subsidiaram seu desenvolvimento.

Esse fator é importante do ponto de vista que se estabelece o conhecimento do saber geográfico, bem como a eclosão do surgimento da ciência geográfica, dado ao fato de sabermos onde estamos inseridos e a relação que cada ambiente possui no universo que é o nosso planeta. Com o presente trabalho, objetiva-se analisar as abordagens sobre as Correntes que se estruturaram na formação da Ciência Geográfica, como conjuntura de desenvolvimento, principais autores, categoria e método.

2. A CONSTRUÇÃO DA CIÊNCIA GEOGRÁFICA

A construção da ciência geográfica se estabelece ao longo dos séculos. Por sua vez: “[...] a origem da Geografia é bastante antiga, remonta à Antiguidade clássica, especificamente ao pensamento grego”. (MORAES, 1999, p. 32).

Sua formulação se baseou com perspectivas filosóficas, bem como na análise experimental das técnicas em meados do século XX. No entanto, as fases que se estabeleceram enquanto surgimento, evolução e sistematização nortearam na indefinição desta matéria. Isto porque se manifestou na indefinição do objeto que promove a Geografia enquanto ciência, devido a muitas definições que a ela são atribuídas.

A princípio, a Geografia se define como estudo da superfície terrestre, tendo a mesma com maior vaguidade, pois trata-se, segundo Moraes (1999, p. 13) de um palco privilegiado de toda reflexão científica. Na Perspectiva de Kant, o autor afirma que a Geografia em sua origem é dividida em duas classes de ciência, sendo uma especulativa, apoiada na razão, e a outra empírica, apoiada na observação e nas sensações. (MORAES, 1999, p. 13). Nesta perspectiva, a Geografia trabalhava entre duas disciplinas de forma sintética, a antropologia, síntese dos conhecimentos relativos ao homem e à Geografia, síntese dos conhecimentos sobre a natureza. Isso norteia o quanto a Geografia é sistematizada na forma de abordagem e métodos que desencadeiam no entendimento desta, bem como na sua formulação enquanto ciência.

Na perspectiva de desenvolvimento da ciência geográfica, o pensamento grego norteia o pensamento geográfico, no qual vem delinear as perspectivas da Geografia de forma distinta com Tales e Anaximandro, privilegiando a medição do espaço à discussão da forma da Terra; [...] a

outra, com Heródoto, se preocupa com a descrição dos lugares, numa perspectiva regional. (MORAES, 1999, p.32).

Neste sentido, a Geografia vem apresentar [...] a ideia de descrição da superfície terrestre, que alimenta a corrente majoritária do pensamento geográfico. (MORAES 1999, p. 14). Por sua vez, Moraes (1999, p. 15) afirma que a Geografia vem buscar as inter-relações entre fenômenos de qualidades distintas, que coabitam numa determinada porção do espaço terrestre. A Geografia vem buscar a partir de diversos temas, os fenômenos que entregam as diferentes análises que compõem essa diversidade em torno da superfície terrestre. Neste sentido, “[...] estudar a História do Pensamento Geográfico – HPG é estudar a essência originária da Geografia”. (FONSECA, *et. al.*, 2010 p. 1).

Apesar de todas as abordagens dos pensadores aqui mencionados, segundo Moraes (1999, p. 33) “[...] a maior parte dos temas tratados por esses autores, pouco ou nada tem em comum com o que posteriormente será considerado Geografia”. No entanto, “[...]os pressupostos contribuíram na sistematização da Ciência Geográfica a partir dos avanços do sistema capitalista de produção”.

Necessariamente, esse fato norteia a construção do objeto de estudo da Geografia, que no século XVIII se baseava nessa formulação de agrupar conceitos que orientam as necessidades de postular as diferentes abordagens em compreender a Terra. Neste sentido vem a Geografia dos lugares, na qual abarca todos os fenômenos que estão presentes numa determinada área, tendo por meta compreender o caráter singular de cada porção do planeta. Outros autores definem a Geografia como o estudo da paisagem como objeto específico, visto como uma associação de múltiplos fenômenos. No entanto, ela mantém-se de forma sintética, pois absorve os dados científicos por outras áreas de conhecimento.

Nessa perspectiva, trazemos a categoria conceitual mais expressiva da Geografia, que se desenvolve na chamada Geografia Regional, a qual: [...] propõe como objeto de estudo uma unidade espacial, a região – uma determinada porção do espaço terrestre, passível de ser individualizada, em função de um caráter próprio. (MORAES, 1999, p. 14).

É nesse sentido que se apresenta a formação da ciência geográfica enquanto estudo da superfície terrestre, pois nela desencadeiam as relações que norteiam uma disciplina voltada a diferentes temáticas relacionadas a áreas naturais, humanas e sociais. Por sua vez:

A gênese da Geografia não está simplesmente submetida aos fatos e conhecimentos gerados, pleiteados no contexto histórico, pois, esse contexto ficou marcado por uma conjuntura que assimilava as idéias da “Revolução Científica”, e assim resultando na profissionalização e institucionalização da prática científica, e essas práticas ainda avançaram para o século posterior, e foram de suma importância para a história do pensamento geográfico. (FONSECA, *et. al.*, 2010 p. 2).

Neste sentido, norteia-se o desencadeamento quanto ao entendimento da evolução do pensamento geográfico, desde a concepção da Geografia enquanto disciplina, até a sua formulação enquanto ciência. Por sua vez: “[...] era necessário que a Terra fosse conhecida para que se fosse pensado de forma unitária o seu estudo” (MORAES, 1999 p. 34). A mesma está associada às condições históricas no processo de transição do sistema Feudalista para o Capitalista. (DANTAS, 2011 p. 87). Este processo influencia na necessidade de buscar conhecimento de áreas, isto é, de lugares, para nortear o domínio das relações econômicas de forma centralizada, o que permeia o papel da Europa como centro polarizador desta nova perspectiva.

No próximo capítulo são apresentadas as correntes que desenvolveram cada categoria, bem como na formação da Geografia que, como podem ser vistos, desencadearam várias abordagens, seguindo rumos que nortearam na ciência tão complexa e tardiamente estabelecida.

3. A GEOGRAFIA E CORRENTES GEOGRÁFICAS

Agora iremos tratar das correntes filosóficas que influenciaram na formação da Ciência Geográfica, a conjuntura, objeto de análise, categoria, bem como os autores que impulsionaram cada uma destas. Com base nos estudos de (MORAES, 1999; 2007); (GOMES, 2007); (CHRISTOFOLETTI, 1982) e outros, serão discutidos todos esses parâmetros, com base nas leituras discutidas na disciplina Geografia, teoria e métodos no Mestrado Acadêmico em Geografia – PPGeo/UEMA, a partir das abordagens apresentadas a seguir.

3.1. A Geografia Tradicional

Os fundamentos históricos da ciência geográfica reportam-se à Grécia Antiga, tida como a primeira cultura conhecida a explorar ativamente a Geografia como ciência e filosofia. (GODOY, 2010p.12). Na relação da Geografia e Filosofia, os gregos destacaram-se em fazer registros de dados geográficos, assim como produziram teorias sobre estes dados, a exemplo de Anaximandro de Mileto, Heródoto, Estrabão, Heráclito e outros.

Ainda que as bases da Geografia remontem à Antiguidade Clássica, na perspectiva da Geodésia, não havia uma unidade, de modo que, até o final do século XVIII, o conhecimento geográfico não se apresentava como algo padronizado, com unidade mínima para ser considerada ciência. Conforme Moraes (1999, p. 21) “[...] para o positivismo, os estudos restringiam-se aos aspectos visíveis do real, mensuráveis e palpáveis”.

Em virtude da diversidade de entendimentos acerca do objeto de estudo da Geografia, embora lançando raízes históricas ao longo dos séculos, foi somente no século XIX que a Geografia começou a usufruir do status de conhecimento organizado, penetrando nas universidades.

De acordo com Christofolletti, (1982, p.12) com relação à Geografia Tradicional e sua estruturação, “As primeiras cadeiras de Geografia foram criadas na Alemanha em 1870 e posteriormente na França. Organizada e estruturada em função das obras de Alexandre Von Humboldt e de Carl Ritter, desabrochando na Alemanha e na França”. A aproximação das duas disciplinas, Filosofia e Geografia, é vista pelo geógrafo como um fato de interesse histórico. Conforme Haesbaert (2002, p.2) acerca da importância das bases filosóficas nas ciências e consequentemente na Geografia:

“Toda área de conhecimento que pretenda um mínimo de rigor e consistência, necessita indubitavelmente um domínio básico dos princípios filosóficos gerais que pautam as grandes questões humanas, colocadas e retrabalhadas, pelo menos na tradição ocidental, desde os pensadores da Grécia clássica”.

De fato, Kant representa o iniciador de uma tradição científica que se delineia, não somente em decorrência de uma rigorosa reflexão filosófica sobre conceitos de espaço, posição e região. Chega-se aqui ao núcleo da teoria da Geografia de Kant: a separação entre ciências especulativas e ciências pragmáticas (entre razão e experiência).

Na filosofia hegeliana a Geografia se coloca de modo diferenciado não como uma disciplina naturalista, mas como uma disciplina histórica, o homem como resultado do seu próprio trabalho. A Geografia de um certo modo: “[...] sempre procurou ser uma ciência natural dos fenômenos humanos”. (MORAES, 1999, p. 23).

À medida que ocorre o questionamento da ordem religiosa para a explicação de fenômenos que orientou a produção filosófica do século XVIII, em especial por meio de filósofos iluministas, estava inaugurada a Geografia Tradicional sobre as bases do positivismo, construindo um discurso admitindo a Geografia como uma ciência de síntese que combinava elementos da natureza e da sociedade. Assim, para o positivismo, os estudos devem restringir-se aos aspectos visíveis do real, mensuráveis, palpáveis. Ou seja, o positivismo é o fundamento da Geografia Tradicional. (MORAES, 1999, p. 21).

O Determinismo emergiu no final do século XIX na Alemanha, e foi o primeiro paradigma que caracterizou a Geografia como ciência. Uma obra que exerceu grande influência nessa discussão foi o trabalho de Charles Darwin ‘A Origem das Espécies’. Friedrich Ratzel (1844-1904), pensador alemão, considerado como um dos principais teóricos clássicos da Geografia e o precursor da Geopolítica e do Determinismo Geográfico, em que o homem é produto do meio, ou seja, as condições naturais determinam a vida em sociedade. Ratzel, com o estudo de espaço vital, aplicou essas ideias à espécie e sua vida em sociedade. Os seres humanos, raças e etnias mais aptas venceriam e dominariam os povos considerados inferiores. As condições naturais determinam o comportamento humano (espaço vital) e estudos também em território.

De um modo geral, o Determinismo trabalha com os fatos em toda a sua diversidade e ao estabelecer relações de causa e efeito, procura primeiramente raciocinar sobre categorias gerais, para somente em seguida chegar aos fatos concretos. Sob essa perspectiva, pode-se dizer que: “[...] a diversidade dos fenômenos é de início colocada entre parênteses antes de ser explicada por um modelo geral ancorado, a priori na causalidade, o fato vindo em seguida apoiar esse pressuposto determinista”. (GOMES, 2007, p. 176). Não se pode deixar de mencionar que nessa legitimidade repousa o modelo positivo-racionalista de fazer ciência.

O estudioso Paul Vidal de La Blache (1845- 1945) foi um geógrafo francês e um dos mais lembrados no que se refere à história do pensamento geográfico. Sua obra é bastante reconhecida por ser fundadora da corrente de pensamento que veio a ser denominada Possibilismo, no final do século XIX na França, em contraposição ao Determinismo Geográfico alemão. Vidal também foi fundador da escola regional francesa. Na Escola Possibilista, o homem é elemento ativo, um importante agente geográfico, que possui condições de modificar o meio natural para adaptá-lo às suas necessidades. Essa concepção foi defendida por Paul Vidal de La Blache, Jean Brunhes e Pierre George, cuja abordagem trata da temática Região e Paisagem. É outra manifestação, cujo método seria da interpretação comum a todas as ciências, isto é, a não aceitação da diferença de qualidade entre o domínio das ciências humanas e o das ciências naturais. (MORAES, 1999, p. 23).

3.2. A Geografia Regional

Uma Geografia mais humanística se desenvolve com esta corrente, pois estuda os homens como coletividades e grupamentos; são as ações dos homens como sociedades. A Humanidade evolui no tempo e para compreender esta evolução, o testemunho da História é tão necessário como o conhecimento das leis naturais.

Tem-se a crítica ao pensamento racional, dedutivo e cartesiano. O cenário em que se desenvolve tal corrente corresponde “[...] ao processo de eclosão do pensamento geográfico na França e o tipo de reflexão que este engendrou é necessário enfocar os traços gerais do desenvolvimento histórico francês no século XIX e, em detalhe, a conjuntura da Terceira República e o conflito de interesses com a Alemanha”. (MORAES, 2007, p. 75).

Esse cenário torna-se importante; Vidal de La Blache, Sorre-LeLannou e Cholley, acentuaram o propósito humano da Geografia, vinculando todos os estudos geográficos à Geografia Humana. Esta escola era contrária às ideias de Ratzel, que ainda engrenava resquícios da estrutura feudalista, tanto em análise social como também natural.

Em 1925, Alfred Hettner considerava como objetivo fundamental da Geografia o “estudo da diferenciação de regional da superfície terrestre”. Essa definição foi acatada e elaborada por Hartshorne, em sua obra *The Nature of Geography*. (GODOY, 2010, p. 66).

Ocorrendo até mesmo contradições na dicotomia Geografia Física versus Geografia Humana, e em virtude do aparato metodológico e concatenado de teorias elaboradas por William Davis, a Geografia Física rapidamente ganhou a imagem de mais científica, consolidada. Nisso formulou o objeto da Geografia como a relação homem-natureza, na perspectiva da paisagem (MORAES, 1999, p. 68). Já a Geografia Humana ainda buscava justificar seu gabarito de científica e com finalidade de ciência.

A ideia de região propiciou o que viria a ser a majoritária e mais usual perspectiva de análise do pensamento geográfico: a Geografia Regional, o “Espaço Vivido”, mergulho nas civilizações mais singulares. Fremont avançou para o campo da Fenomenologia, estudo da singularidade, envolvimento da sociedade e natureza, dinâmica do espaço-tempo e o desenvolvimento de inúmeros estudos monográficos.

Destaque para o método regional característico dessa corrente. Kant contribuiu no conceito de região advindo de modo especial e primordialmente a respeito da organização do conhecimento humano. (GODOY, 2010, p. 63).

A Geografia Regional contribuiu no desenvolvimento metodológico de agrupamento de coisas e acontecimentos, podendo chamar de espaço regional, de modo que mantenha certa unidade à ciência geográfica, dando-lhe um método próprio e divergente do pensamento positivista. (GODOY, 2010, p. 63).

Trata-se de agrupar e unificar os acontecimentos sociais neste espaço regional mencionado pelo autor, cujo objeto de estudo dessa ciência citado como espaço geográfico venha a agrupar os diferentes fenômenos a partir das relações naturais e sociais em conjunto; isto porque: “[...] deve-se estudar a organização de cada espaço diferenciado e individualizado”. (DANTAS *et. al.*, 2011, p. 144).

A proposta de Kant para o estudo da região desencadeia uma das pautas mais importantes no arcabouço teórico para a definição do seu conceito. O estudo particularizado, como proposta kantiana, agrega a rica informação da diversidade regional, que trabalha nessa perspectiva de agrupar os diferentes fenômenos regionais para a compreensão da complexidade regional. Neste sentido: “[...] tais regiões se revestem de aspectos e traços bastante diferenciados, cuja originalidade se exprime numa certa fisionomia, num estilo particular de organização espacial engendrada pelo casamento entre a natureza e a história”. (DANTAS, *et. al.*, 2011 p. 144)

É nessa perspectiva que as necessidades humanas são condicionadas pela natureza, e que o homem busca as soluções para satisfazê-las nos materiais e nas condições oferecidos pelo meio (MORAES, 1999, p. 68); também nesse sentido a Geografia Humana se insere dentro de uma relação conjunta com a natureza, enquanto agente transformadora do espaço.

Nessa relação complexa entre o tempo, o espaço e o homem, a Geografia se molda e reflete na evolução da própria História da Humanidade, regendo não somente o pensamento, mas também as relações humanas, suas técnicas, suas construções no espaço e os próprios desafios, possibilidades e limites impostos pelo avanço da ciência (TANAKA, 2010 p. 57 e 58). A relação da história vem justamente refletir na forma que o homem se organiza no espaço, que reflete na relação do homem no contexto espacial. Desse modo, a contribuição de Região proposta por Kant está condicionada quanto à organização do conhecimento humano; trata-se de uma contribuição muito importante no âmbito da construção teórica do conceito de região enquanto categoria geográfica.

3.3. Geografia Pragmática ou Nova Geografia

Também conhecida como Geografia Quantitativa ou Nova Geografia, é uma corrente de pensamento que surgiu na década de 1950 e promoveu grandes modificações na abordagem metodológica da Geografia. É também conhecida, segundo Dantas (2011, p. 161) como Geografia teórica, sendo uma nova corrente de pensamento rompida com a clamada Geografia Clássica. Há, portanto, uma nova forma de aplicação do conhecimento científico. (GODOY, 2010, p. 92).

Baseada no neopositivismo lógico, essa nova corrente geográfica surgiu com a necessidade de exatidão, através de conceitos mais teóricos e apoiados em uma explicação matemático-estatística. Segundo Dantas (2011, p. 161), se constituiriam em laboratórios, realizando medições matemáticas e traçados geográficos estatísticos, procurando visualizar a problemática da paisagem através de modelos sistêmicos.

Os autores de destaque foram Christaller e Dematteis, e para os autores filiados a esta corrente, o temário geográfico poderia ser explicado totalmente como o uso de métodos matemáticos e estatísticos de forma aplicada. Para estes, os avanços da estatística e da computação propiciam uma visão geográfica (DANTAS, 2011 p. 161).

Essas mudanças se espalham pelos demais ramos naturais e sociais da ciência e atingem o campo do saber geográfico, onde uma verdadeira revolução no modo de se fazer estudos em Geografia é eminente (GODOY, 2010, p. 92). Houve, na realidade, uma transformação em nível global quanto às relações, urbanas, econômica, política, modificando a dinâmica da população no espaço geográfico, o que promoveu uma ruptura com o tradicionalismo como necessidade atual a partir do contexto em que se apresentava na década de 1960. Segundo Moraes (1999, p. 95) não se

dava mais conta nem da descrição e representação dos fenômenos da superfície terrestre, remetendo na defasagem instrumental de pesquisa da Geografia, tomada pela crise das técnicas tradicionais restritivas.

Esse movimento rompeu com o antigo tradicionalismo e se refletiu no pensamento de como o conhecimento é adquirido. As formas de pensamento das novas relações sociais, políticas e econômicas no sistema capitalista de produção e fluxos econômicos deram margem a esta complexificação que trata da organização espacial na Terra. Foi neste viés que o movimento de renovação veio buscar novas técnicas de análise geográfica, para analisar de forma mais ampla e precisa os fenômenos no espaço geográfico em pequena a grande escala. (MORAES, 1999, p. 96).

Logo, a Geografia é renovada de modo diversificado a partir de sua amplitude na análise geográfica em meio às concepções a serem abordadas e interpretadas em conjunto. Segundo Moraes (1999) trata-se de buscar uma metodologia renovada, por meio de novas técnicas e linguagem, como instrumento de dominação da veiculação dos interesses capitalistas.

Nisso se buscam modelos de análise geográfica baseadas na consciência das transformações do espaço geográfico na relação do homem com o meio. Segundo Moraes (1999, p. 106), busca-se o entendimento do comportamento do homem no espaço urbano em relação aos espaços de lazer, a influência das formas, na produtividade do trabalho; a relação das sociedades com a natureza, expressas na organização dos parques, a atitude frente as novas técnicas de plantio numa determinada comunidade rural; a concepção e as formas de representação do espaço, numa sociedade indígena africana, entre outros.

A corrente da Geografia Pragmática, analisada neste tópico, nos leva a compreender que a nova fase torna-se operacionalizada na organização do espaço, frente às relações e transformações pela criação e/ou reordenação de 'fluxos' na busca dessa complexificação que trata de uma difusão de variáveis informações, sendo um instrumento de dominação burguesa onde são mascaradas as contradições sociais, legitimando a ação capitalista no espaço terrestre, ou seja, é a ação do estado quanto aos interesses de classes.

A Geografia Pragmática, ou Nova Geografia, se atribui de forma superficial diante das práticas metodológicas em que se apresentava a Geografia Tradicional, cuja análise presente no local concebia o espaço por meio de suas riquezas de alta complexidade. Duramente criticada pelas correntes posteriores, Moraes (1999, p. 110) aborda que ao romper com os procedimentos tradicionais, por exemplo, simplifica arbitrariamente o universo da análise geográfica, tornando-o mais abstrato, mais distante do realmente existente.

Este fato faz com que a Geografia fique empobrecida no detalhe das informações, determinando uma Geografia designada, fragmentada de conceitos e quantitativos desse segmento

atribuído. Trata-se de uma renovação de práticas mais abrangente, mas de forma selecionada, uma prática comumente aceita por geógrafos dependentes de seu objeto de estudo e de sua posição social referida à temática, como do próprio profissional.

3.4. A Geografia Crítica

A Geografia Crítica desenvolveu-se na década de 70 (século XX), com raízes na ala mais progressista da Geografia Regional francesa (MORAES, 1999 p. 117). Por sua vez, a categoria conceitual de análise trabalhada nesta corrente vem estudar o espaço e as relações que nele ocorrem, com destaque para Yves Lacoste e Milton Santos. Trata-se de uma outra vertente do movimento de renovação do pensamento geográfico, visando uma postura crítica radical, frente à Geografia existente (seja a Tradicional ou a Pragmática), propondo uma Geografia militante no intuito de utilizar análise geográfica como instrumento de libertação do homem, transformação social e introduzem as ideologias econômicas, políticas e sociais aos estudos geográficos. Sob o olhar de Moraes (2007, p.131) “A unidade da Geografia Crítica manifesta-se na postura de oposição a uma realidade social e espacial contraditória e injusta, fazendo-se do conhecimento geográfico uma arma de combate à situação existente. Apresenta-se no contexto das escolas do Materialismo dialético, Fenomenológico e Existencialista, com desenvolvimento da temática Espaço, Região, Território, Lugar, Natureza, Redes, Paisagem e Sociedade.

A Geografia Crítica vai além da pragmática no sentido em que se posiciona com abertura clara de um sistema que alguns estudiosos se submetem ao sistema político. Por sua vez, a Geografia Crítica incidida por Lacoste busca incisivamente colocar a Geografia como instrumento de denúncia e como arma de combate de um elemento de superação da ordem capitalista (MORAES, 1999, p. 115).

Para Milton Santos, a Geografia Crítica é vista como um campo de força cuja energia é a dinâmica social. São relações que promovem relações da natureza socializada, promovida pela produção do espaço. O autor remete à clara percepção criticista a esse modelo de produção e das transcorrentes transformações geradas pelo cenário econômico do sistema capitalista.

A Corrente Crítica da Geografia se submete a um segmento diferenciado das situações vigentes, em oposição a uma realidade social e espacial contraditória e conjunta, fazendo do conhecimento geográfico uma arma de combate à situação existente. (MORAES, 1999, p. 126), tomando por consciência uma dominação capitalista frente às disparidades sociais perceptíveis de uma dominação capitalista em que são reconhecidos o atraso econômico, a dependência e as relações comerciais, além do contraste social entre os países do globo.

As pesquisas que incorporaram a corrente crítica da Geografia embasaram-se no pensamento teórico-marxista, com temas de abordagem sobre a produção do espaço, pobreza, fome, saúde, criminalidade, problemas urbanos, imperialismo e geopolítica (DANTAS, 2011, p. 163). Define-se com uma postura frente à realidade ou uma ordem constituída, mediante a análise geográfica impulsionada à liberdade do homem.

3.5. A Geografia e Pós-Modernidade

No mundo contemporâneo vivemos uma nova realidade no âmbito cultural, político e intelectual, ou apenas nos adaptamos às pequenas e constantes evoluções em nosso cotidiano? Independentemente da resposta a esta questão central, estes “novos tempos” trouxeram novos debates na ciência e, conseqüentemente, o acompanhamento e a contribuição dessa discussão pela Geografia, uma vez que “tanto o fazer a Geografia, quanto o falar sobre ela estão irremediavelmente associados à ordem do mundo” (GOMES, 2007, p.342). Ocorre, assim a procura por novas respostas e enfoques conceituais sobre a Geografia devido à crise da razão no espaço efêmero, do perto, do longe, de redes, globalização, mundialização e outros fenômenos característicos da modernidade.

Nesse sentido, Haesbaert(1990) apresenta a ideia lançada neste momento moderno, que parte do séc. XVIII, no período do Iluminismo racionalista europeu, em referência ao pensamento geográfico num contexto de múltiplas relações econômicas, políticas e sociais no mundo, com tendência predominante à difusão crescente da terminologia, numa tentativa de apreender de modo abrangente a complexidade das mudanças sociais. [...] esse fenômeno [modernidade] vai aos poucos, como que por osmose, se infiltrando nos interstícios sociais e mostrando novas características que só se programam por causa do implemento que o capitalismo oferece às suas forças produtivas (SPOSITO, 2004, p.134).

As crises da modernidade correlatas às crises do capitalismo e questionadas pelos reacionários movimentos contraculturais e antimodernistas a partir dos anos 1960 são para Harvey (1999) o cerne do pós-modernismo. Gomes (2007) retrata como contracorrentes e Sposito (2004) como crise paradigmática.

Neste momento, há uma ruptura com a modernidade, e daí surge uma era pós-moderna. A crise paradigmática do pensamento moderno teve início a partir do pós 1960, através das transformações científicas, artísticas, tecnológicas e constituíram uma visão crítica do pensamento moderno, a partir da visão racionalista que havia diante destes pensadores.

Moura (2008, p.13) considera que houve uma virada linguística (no sentido de signos) na Geografia característica da pós-modernidade em seu trabalho a respeito da Geografia Humana em sua abordagem cultural ou cultural pós-moderna. Afirma também que “a Geografia pós-moderna é

desordenada e inquietante, reflexo da crise contemporânea”, mas se mostra adepta à concepção de geografias pós-modernas.

Ao descrever as propostas encontradas na Geografia, Salvi (2000, p. 108-109) relata que a Geografia ingressa no debate pós-moderno no final da década de 1980, sendo a contribuição de maior abrangência a obra de David Harvey (1999); porém, quem estende o debate pós-moderno no nível da reflexão epistemológica na Ciência Geográfica é Michael Dear (DEAR, apud SALVI, 2000), que elaborou um artigo com o desejo de chamar a atenção dos geógrafos para o debate pós-moderno e trazer as ideias do pós-modernismo para uma maior audiência, frequentemente modernista.

Para Marx, um dos grandes destaques nesse movimento, apresentou a Geografia só se tornando válida no contexto da pós-modernidade caso conseguisse, de algum modo, intervir na realidade em meio à mudança no contexto. Nesse caso, valeria o posicionamento crítico diante da modernidade, na qual apenas se abstraía do modelo que a organização do espaço estivesse remetida, o que não é remoto, mas a utilidade e praticidade seriam apenas como mera descrição e não uma visão crítica acima desse contexto vivido atualmente.

O Pós-Moderno tem por função, em âmbito geográfico, segundo Haesbaert (1990), promover um resgate à "vida", à sensibilidade, liberdade e imprevisibilidade que haviam sido oprimidos pela modernidade, cuja visão se apresenta diante da repressão, a qual apenas se pronunciava diante da descrição e não das consequências frente ao período modernista. Desse modo, o pós-modernismo se apresenta de forma crítica quanto ao olhar expectativo desses múltiplos elementos que são trabalhados na Ciência Geográfica, referente aos fenômenos recorrentes na superfície terrestre. O pós-modernismo é uma base ainda em construção, em vista do aperfeiçoamento de outras correntes que impulsionaram e complementaram na formação da Ciência Geográfica.

4. MÉTODOS DE ABORDAGEM NA PESQUISA

O entendimento do método a ser desenvolvido nos estudos de fenômenos geográficos auxilia na construção onde a realidade a ser estudada deve ser intelectualmente construída conforme os métodos a serem utilizados para o alcance dos resultados da pesquisa.

Segundo Gil (1999), pode se definir método como um caminho para se chegar a um determinado fim, enquanto o método científico é entendido como o conjunto de procedimentos técnicos e intelectuais adotados para atingir o conhecimento.

Métodos orientam a reflexão intelectual na tentativa de ler e interpretar a realidade. Para ser considerado um método científico, torna-se necessária a sistematização de ideias, de modo que tal sistematização seja baseada em fatos concretos, ou seja, que possam ser provados ou analisados.

Para Sposito (2004), o método deve ser compreendido como um instrumento intelectual e racional que possibilita a apreensão da realidade objetiva pelo investigador quando este pretender fazer uma leitura dessa realidade e estabelecer verdades científicas para sua interpretação.

No trabalho, “Rota das Emoções, uma proposta turística viável?” uma análise dos reflexos da atividade turística nos municípios de Santo Amaro, Barreirinhas e Paulino Neves, (Cabral, 2019), por exemplo, onde realizou-se uma análise dos efeitos de turismo nessas localidades sob a ótica da Rota das Emoções, assim como investigou-se a Rota das Emoções de forma a compreender a relação do turismo e os atores que se envolvem com a atividade (agentes turísticos, hotéis, agências e comunidade) foi necessário desenvolver uma pesquisa qualitativa baseada no método do materialismo dialético por utilizar a categoria território e as diversas forças e classes que se envolvem no fenômeno a ser estudado.

É por meio da dialética que "os pesquisadores confrontam suas opiniões, os pontos de vista, os diferentes aspectos do problema, as oposições, os pontos de vista, os diferentes aspectos do problema, as oposições e contradições; e tentam ... elevar -se a um ponto de vista mais amplo, mais compreensivo" (LEFEBVRE, 1983, p. 171).

Por tratar do turismo como setor dinâmico e que acompanha a evolução da sociedade, é possível tratar da Geografia Pós-Moderna e que aborda mudanças culturais e fenômenos globais como demanda de lazer da atualidade.

Em referência à outra pesquisa, desta vez voltada aos estudos de cavernas, Cavernas Areníticas De Tasso Fragoso Como Potencial Geoturístico (Morais, 2020), onde a temática trabalhada consistiu em analisar o índice do potencial espeleológico de Tasso Fragoso frente ao turismo geoambiental, a categoria de análise integrada foi a paisagem.

O estudo Geoturístico tem por base o estudo científico, frente aos processos de formação, interação dos elementos da diversidade em meio às condições de adaptação, além de integrar relações sociais frente a diferentes usos, seja por atividade religiosa, lazer, e mesmo por necessidades (EVANGELISTA, V. K; TRAVASSOS, L. E P. 2014 p. 52 e 53). Os lascamentos e inscrições presentes na área em questão refletem todo esse valor atribuído ao potencial espeleológico, que comporta as fragilidades, necessidades, enfim, decifrações quanto à evolução geológica da Terra, dentre outros aspectos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste sentido, reforça-se a referência da categoria de análise integrada da paisagem ao estudo, que segundo Bertand (1972 p. 141) resulta da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem

um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução. É necessário entendimento da dinâmica como um todo, para que se possa estabelecer a interpretação evolutiva da paisagem, dentre as condições de desenvolvimento que constitui a manutenção da diversidade da fauna e flora, além de fatores externos que possam interferir ou agregar valor a esse cenário.

Em busca dos fatores que influenciam no desenvolvimento dos aspectos fisiográficos de uma região, busca-se uma discussão frente aos fenômenos naturais que envolvam uma diversidade de temas relacionados à sociedade e natureza. A análise do cenário junto aos instrumentos de utilidade pelo homem, configura uma avaliação da paisagem, bem como o território como pertencimento e valorização, envolvido com os aspectos culturais.

Desse modo, há uma abordagem de pensamento pós-modernismo, cuja referência teórica deste trabalho esteja voltada à dinâmica do espaço, frente a relação sociedade e natureza, em sua dinâmica social e ambiental. O objeto de estudo da pesquisa está voltado à análise da sociedade e natureza no espaço geográfico, de modo integrado, no âmbito da Ciência Geográfica. Isso é predominante satisfatório para a efetivação desta pesquisa no âmbito da ciência geográfica.

Por sua vez, este estudo vem no intuito de estimular a manutenção de aspectos culturais e preservar as raízes e costumes de populações locais. Este fato remete à relação do homem no seu território, como pertencimento, valor, tangenciando a cultura e o patrimônio. A abordagem metodológica, diferentemente do método, na Ciência Geográfica comumente se trabalha com a descrição, que segundo Christofolletti (1982, p. 45) apresenta como proposta o estudo da relação dos fenômenos, de seu encadeamento e de sua evolução.

O paradigma na acepção dessa proposta remete à análise de todo ambiente por meio da evolução e interação de seus componentes tanto sociais quanto naturais, organizadas no tempo e espaço, no entendimento desse complexo sistema. Por sua vez, como abordagem dialética, enquanto produto da contraposição de diferença, inerentes à "natureza" humana com significações históricas, frente às relações sociais e ambientais, permite este estudo a acepção do pensamento pós-moderno, com base na pesquisa que pretensiosamente busca desenvolver.

REFERÊNCIAS

CABRAL, J. R. S. **A rota das emoções por uma análise geográfica:** o turismo no município de Paulino Neves (MA). 2019. 136 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2019.

CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORREA, R. L. **Geografia:** conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand, Brasil, 1995. 354p.

CHRISTOFOLETTI, A. (Org.) **Perspectivas da Geografia.** São Paulo: Difel, 1982. 318p.

DANTAS, A. **Introdução à Ciência Geográfica**. Natal: EDURFN, 2011. 210p.

FONSECA, V. N.; CARACRISTI, I. Os Clássicos Da Ciência Geográfica E A Formação Dos Professores De Geografia. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 16., 2010. Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: 2010.

GODOY, P. R. T. **História do pensamento geográfico e epistemologia em Geografia**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 310p.

GOMES, P C. C. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 368p.

HAESBAERT, R. Filosofia, Geografia e Crise da Modernidade. In: MENDES, C. et al. **Geografia: Pesquisa e Prática Social**. São Paulo: Editora Terra Livre, 1990.

HAESBAERT, R. Filosofia, Geografia e Crise da Modernidade. In: **Territórios Alternativos**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 17-49.

LEFEBVRE H. **La presencia y la ausência. Contribución a lateoría de lasrepresentaciones**.México: Fondo de Cultura Económica, 1983.

MORAES, A. C. R. **Geografia: pequena história crítica**.São Paulo: Annablume, 2007. 152p.

_____. **Geografia: Pequena história Crítica**. São Paulo: Editora Hucitec, 1999. 152p.

MORAIS, A. R. C. **Cavernas areníticas de Tasso Fragoso como potencial geoturístico**. 2020. 203 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2020.

MOURA, N. Rumo a Pós-Modernidade: A Virada Lingüística na Geografia. *Virada Lingüística?Geografar*, Curitiba, v. 3, n.1, p.01-15, 2008.

SALVI, R. F. A Questão Pós-Moderna e a Geografia. **Geografia**, Londrina, v. 9, n.2, p. 95-111, 2000.

SPOSITO, E. S. **Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: UNESP, 2004. 224p.

TANAKA, J. E. C. O espaço em Kant e suas contribuições na definição do conceito de Região.In: GODOY, P. R. T. **História do pensamento geográfico e epistemologia em Geografia**.São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.